

## SIMPÓSIO AT187

# EDIÇÃO E ESTUDO LINGUÍSTICO DE TEXTOS HISTÓRICOS SOBRE ESCRAVATURA, REVOLTAS ESCRAVAS E RESISTÊNCIA NA BAHIA DO SÉCULO XIX

CORREIA BRANDÃO GONÇALVES, Eliana  
UFBA  
elianabrand7@gmail.com

**Resumo:** A comunicação apresenta breves considerações sobre a relevância da elaboração de edições e estudo linguístico de textos históricos que tematizam a violência registrada em contextos de escravatura e revoltas escravas na Bahia do século XIX, a partir de manuscritos de tipologias documentais diversificadas constantes em instituições arquivísticas, nacionais e estrangeiras. A historiografia nos revela que a Bahia foi palco de confrontos, combates e movimentos de resistência que marcaram a história do nosso país. A referência a esses contextos históricos perdem seu sentido quando considerados isoladamente, sem relação com os fenômenos socioculturais e políticos. Assim, partindo da materialidade dos textos e dos discursos, é necessário atentar para as formas e condições de produção, circulação e recepção dos textos (CHARTIER, 2007) e dos usos linguísticos e sociais da escrita de forma mais ampla e reflexiva, visto que a documentação histórica, presente em instituições de guarda, registra variados modos de confrontos pelos diversos segmentos sociais. Para tanto, serão desenvolvidas discussões e análises sobre a organização de inventários documentais e produtos editoriais, dando destaque à relevância da constituição de *corpora* de textos históricos (GONÇALVES, 2017, 2018a, 2018b), para o desenvolvimento de estudos filológico-linguísticos, a partir da mediação e articulação transdisciplinar e dialógica da Filologia (PONS RODRÍGUEZ, 2006; GUZMÁN GUERRA, TEJADA CALLER, 2000) com diversos territórios disciplinares como a História (REIS, 1992; DANTAS, 2011; ALENCASTRO, 2000), a Lexicografia, a Paleografia, a Diplomática e a Arquivologia.

**Palavras-chave:** Edição; estudo linguístico; escravatura; revoltas escravas; violência e resistência na Bahia.

**Abstract:** The communication presents brief considerations on the relevance of the elaboration of editions and the linguistic study of historical texts that thematicalize the violence registered in contexts of slavery and slave revolts in the Bahia of century XIX, from manuscripts of diversified documentary typologies constants in archival, national institutions and foreign. Historiography reveals that Bahia was the scene of confrontations, combats and resistance movements that marked the history of our country. The reference to these historical contexts loses their meaning when considered in isolation, unrelated to sociocultural and political phenomena. Thus, starting from the materiality of texts and discourses, it is necessary to look at the forms

and conditions of production, circulation and reception of texts (CHARTIER, 2007) and the linguistic and social uses of writing in a broader and more reflective way, since historical documentation, present in institutions of guard, registers varied forms of confrontations by the diverse social segments. For that, discussions and analyzes will be developed on the organization of documentary inventories and editorial products, highlighting the relevance of the constitution of corpora of historical texts (GONÇALVES, 2017, 2018a, 2018b), for the development of philological-linguistic studies, from transdisciplinary mediation and dialogic articulation of Philology (PONS RODRÍGUEZ, 2006; GUZMÁN GUERRA, TEJADA CALLER, 2000) with several disciplinary territories such as History (REIS, 1992; DANTAS, 2011; ALENCASTRO, 2000), Lexicography, Paleography, Diplomacy and Archivology.

**Keywords:** Edition; linguistic study; slavery; slave revolts; violence and resistance in Bahia.

## Introdução

Este artigo tem por objetivo tecer breves considerações sobre o estudo filológico e linguístico de textos históricos que tematizam a violência em contextos de escravatura e rebelião na Bahia do século XIX. As rebeliões escravas que aconteceram no século XIX se constituíram como formas de enfrentamento e resistência da população negra contra a desumanização e as ações punitivas e repressivas por parte das autoridades e milícias locais.

E, para se conhecer e reavaliar os rastros dessa violência física e simbólica, é preciso também que o pesquisador, quer seja historiador, filólogo ou leitor comum, busque em documentos de arquivos os vestígios das narrativas históricas que podem ser conhecidas. Mas, por outro lado, o acesso a essas fontes e a materialidade textual trazem alguns problemas entre os quais a necessidade de composição de inventários documentais temáticos, visto que as instituições de guarda nem sempre dispõem de catalogação e inventário dos documentos que priorizem o recorte temático e, além disso, é preciso ler textos de tipologias documentais diversificadas e que apresentam tipos caligráficos distintos, suportes desgastados (BELLOTTO, 2002; BERWANGER; LEAL, 1991) e usos linguísticos que nem sempre circulam na atualidade.

## 1. A pesquisa filológica

A questão da violência física e simbólica é o tema de estudo do projeto de pesquisa que desenvolvo na UFBA intitulado *Memórias de violências e resistências: edição e estudo linguístico de textos históricos*. Além disso, destaca-se que as reflexões aqui apresentadas são resultantes das discussões produzidas no âmbito do GEFILL – Grupo de Estudos Filológicos e Lexicais, coordenado por mim, e que está vinculado ao Grupo de Pesquisa Nova Studia Philologica, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa – CNPQ.

Considera-se que os gestos de leitura filológica reafirmam a relevância da elaboração de produtos editoriais e da mediação da crítica filológico-linguística para o estudo de textos históricos que permitem o conhecimento das práticas repressivas e punitivas da administração colonial nos séculos XVIII e XIX, não apenas para os especialistas, mas para o público em geral que quer conhecer outros caminhos da sua história. Nesse viés, a partir da materialidade textual e discursiva, restitui-se e reavalia-se a memória coletiva e institucional, por meio de edições e estudos de diferentes matizes, disponibilizando *corpora* de documentos que futuramente possam servir de base para o desenvolvimento de análises discursivas e linguísticas de cunho lexicográfico, onomástico, terminológico e léxico-semântico de textos históricos.

Desse modo, a análise textual e a composição de inventários documentais possibilita o conhecimento indireto das narrativas históricas sobre a violência em contextos de escravatura na Bahia (GONÇALVES, 2017; 2018<sup>a</sup>; ALENCASTRO, 2000). Ademais, seguindo as diferentes perspectivas dos contextos de produção, circulação e recepção dos textos (CHARTIER, 2007), são observadas várias ações traduzidas em conflitos, enfrentamentos, confrontos e resistências, que marcaram a história e podem ser rastreadas, a partir do mapeamento, da edição e do estudo de textos históricos de tipologias documentais diversas localizados em instituições de guarda nacionais e

estrangeiras e, portanto, possibilitando novos sentidos aos fenômenos socioculturais e políticos. A propósito,

(...) vale lembrar que o acesso aos fragmentos da memória por meio dos textos é realizado por meio de aparato teórico-metodológico mobilizado pelo editor para leitura do documento, norteador dos conceitos de texto e tipo de edição. Ao assumir o tipo de edição, o editor também assumirá objetivos específicos (...). É assim que a práxis filológica opera no tempo, entre a distância e a proximidade, mobiliza elos textuais que se vinculam a sujeitos que são constituídos pela história, portanto o editor precisa compreender os significados que circundam nos documentos históricos. (GONÇALVES, 2018b, p. 160)

## 2. O estudo de textos históricos sobre a violência

Fachin (2009) também destaca o papel do editor no esclarecimento da trajetória de seu trabalho. Portanto, reitera-se à importância da composição de produtos editoriais resultantes do trabalho com textos históricos (GONÇALVES 2017, 2018), para a elaboração de estudos filológico-linguísticos, a partir da mediação e articulação transdisciplinar e dialógica da Filologia (PONS RODRÍGUEZ, 2006; GUZMÁN GUERRA, TEJADA CALLER, 2000) com diversos territórios disciplinares como a História (TAVARES, 2008), a Lexicografia, a Paleografia, a Diplomática e a Arquivologia, investigando o texto em suas diferenciadas dimensões (GONÇALVES, 2017, 2018ab).

Seguindo esse viés, a edição de textos históricos mostra diferentes compreensões linguísticas e discursivas sobre o componente lexical, que se apresenta dinâmico e mutante, ao mesmo tempo em que disponibiliza aos pesquisadores e ao público em geral pistas sobre as narrativas de violência étnico-racial e de gênero, compreendendo cada produção manuscrita como a materialização do discurso das instituições, promovendo a mediação entre a Filologia e as abordagens discursivas, linguísticas e sócio-históricas.

Para tanto, nesse contexto interpretativo com os textos históricos, recorrendo inicialmente aos procedimentos críticos e metodológicos da

Filologia, diante das conspirações e rebeliões que ainda estavam em curso, na Bahia (DANTAS, 2011; REIS, 1992; REIS e SILVA, 1989), pode se observar que o governo redobrava a vigilância e adotava medidas repressivas e punitivas, enviando tropas de Salvador para várias cidades baianas, na tentativa de manter a ordem e conter os movimentos insurgentes, promovendo também perseguições e punições extremas por parte das milícias locais.

### 3. Considerações finais

Nesse caminho, por fim, a articulação crítico-filológica reconfigura e reavalia os fragmentos das narrativas históricas presentes nos arquivos e recortadas da memória histórica, por meio da composição de produções editoriais, que resgatem os vestígios do discurso documental. E, neste viés, são abertos vários caminhos de mediação do conhecimento das narrativas. Portanto, a partir dessa relação dialógica e interdisciplinar entre estudos filológicos, discursivos e sociohistóricos, por meio da composição de edições de textos históricos, contribuiu-se para outras reflexões do contexto temporal, político, social e cultural de um lócus, a Bahia do século XIX.

### Referências

ALENCASTRO, Luiz Felipe. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BELLOTTO, Heloísa. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado; 2002. (Série Como Fazer, Vol. 8).

BERWANGER, A. R.; LEAL, J. **Noções de Paleografia e de Diplomática**. Santa Maria: EDUFMS; 1991. (Série Livros Didáticos)

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura** (séc. XI – XVII). Trad. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: EDUNESP, 2007.

DANTAS, Mônica. **Revoltas, motins, revoluções**: homens livres pobres e libertos no Brasil do século XIX. São Paulo: Alameda, 2011.

FACHIN, Phablo R. Marchis. 2009. Critérios de leitura de manuscritos: em busca de lições fidedignas. In: **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 10-11, p. 237-262, 2009.

GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. A Paleografia na leitura da documentação histórica sobre a Bahia. In: LOSE, Alícia Duhá; SOUZA, Arivaldo Sacramento (Orgs.) **Paleografia e suas Interfaces**. 1 ed. Salvador: Memória &Arte: Edufba, 2018a, p. 125-142.

GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. Leitura crítico-filológica de Resolução de 1822: revoltas, vigilância, violência e punição na Bahia do século XIX. In: **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 153-174, ago./dez. 2018b. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v20i2p153-174>.

GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. Léxico e história: lutas e contextos de violência em documentos da Capitania da Bahia. **Revista da Abralin**: Associação Brasileira de Linguística, volume 16, n. 2, p. 191- 218, jan./fev./mar./abril de 2017.

GUZMÁN GUERRA, A; TEJADA CALLER, P. **?Cómo estudiar filología?** Madrid: Alianza, 2000.

PONS RODRÍGUEZ, Lola. Introducción: la historia de la lengua y la historia de las transmisiones textuales. In: PONS RODRÍGUEZ, Lola. (Ed.) **Historia de la lengua y crítica textual**. Madrid/ Frankfurt: Iberoamericana/ Vervuert, 2006. p. 9 – 17.

REIS, João José. Recôncavo rebelde: revoltas de escravos nos engenhos bahianos. **Afroásia**, Salvador, 1992; 15: 100 - 126.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. 11 ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUNESP; Salvador: EDUFBA, 2008.